



## “COMUNICAR É POLITIZAR<sup>1</sup>”: A REVISTA *EPARREI* E A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA LUTA CONTRA O RACISMO NO BRASIL

Luana Diana dos Santos<sup>2</sup>

### *Introdução*

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da “mãe-preta”, fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pelas classes sociais, produzem profundas exclusões.<sup>3</sup>

Nos últimos anos percebemos um aumento substancial no número de trabalhos acadêmicos imbuídos em (re)escrever a história da população negra no país. Enquanto processo histórico, entendemos que essa nova fase da historiografia nacional não ocorreu de forma ingênua ou casual. Atribuímos preponderantemente esse interesse da Academia pelos ex-escravizados e seus descendentes ao Movimento Negro<sup>4</sup>, que através de suas lutas e reivindicações exigiram o registro da trajetória deste contingente populacional como sujeitos histórico-sociais, vivos e participativos na construção da sociedade brasileira. Contudo, as ações do Movimento Negro não foram suficientes para que estas histórias deixassem de serem escritas no masculino<sup>5</sup>.

Chegamos a essa conclusão ao fazermos o levantamento bibliográfico para elaboração deste artigo e nos depararmos com a escassez de estudos dedicados ao binômio gênero e raça, eixo condutor do trabalho. Em se tratando da literatura com recorte de gênero, é sabido que a Academia privilegiou o estrato de origem branco-européia. Os estudos sobre a mulher negra encontrados, dedicam-se em quase sua totalidade aos períodos colonial e imperial<sup>6</sup>. Conforme Rodrigues<sup>7</sup>, somente entre os anos de 1975 a 1985, na chamada década da mulher, surgem os primeiros

<sup>1</sup> As epígrafes deste artigo foram retiradas dos editoriais da Revista *Eparrei*, assinados por Alzira Rufino.

<sup>2</sup> Especialista em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas. Bolsista de Apoio Técnico do CNPQ no Projeto Mulher e Escritura: Produção letrada e emancipação feminina no Brasil. Professora de História dos ensinos fundamental e médio da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais.

<sup>3</sup> RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, organização e determinação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: EDUSC, v. 16, n. 3, p. 987-1004. Florianópolis, set./dez., 2008.

<sup>4</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

<sup>5</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres In: Burke, Peter (org.). A escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

<sup>6</sup> Sobre a mulher negra nos períodos colonial e imperial ver: GIACOMINI, Sonia Maria. Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1988; FIGUEIREDO, Luciano. O avesso da memória: cotidiano de trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Prefácio de Laura de Mello e Souza. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Cristiano Santos. As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras. Belo Horizonte, 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Minas Gerais.



trabalhos acadêmicos cuja temática expõe as especificidades das afro-brasileiras, tendo como autoras as próprias militantes negras<sup>8</sup>. O número reduzido de obras dedicadas ao estudo da trajetória da mulher negra no Brasil denunciam que os desafios, lutas e conquistas da mulher negra posteriores ao treze de maio de 1888 foram silenciados e/ou negligenciados, corroborando com a assertiva de Sueli Carneiro ao citar GILLIAN: “o papel da mulher negra na formação da cultura nacional é rejeitado”<sup>9</sup>. Sendo assim, a escassez de fontes relativas ao tema, associada à urgência do registro da história das afro-brasileira no pós-abolição fazem deste trabalho motivador e um tanto complexo. Portanto:

reivindicar a importância das mulheres [negras] na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais.<sup>10</sup>

Neste trabalho tencionamos dar visibilidade ao trabalho realizado pelas mulheres da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos/SP, que através da revista *Eparrei*, tem contribuído para a superação do racismo no Brasil e para o empoderamento da população negra. Ao abrir espaço de forma pioneira às mulheres negras, a revista possibilita a construção de novos significados à história das afro-brasileiras e conseqüentemente interfere de forma decisiva na forma como estas são representadas, eximindo-as de preconceitos e estigmas nos quais vem sendo associadas ao longo dos anos.

*“Resistindo, organizando, exigindo”*

Mesmo com o advento da abolição da escravatura em 1888, conseguinte a Proclamação da República, as estruturas sócio-econômicas no Brasil seguiam praticamente inalteradas. Embora “livres”, “homens e mulheres de cor” permaneciam em “cativeiro”, num estado permanente de marginalização, miséria e abandono. A falta de perspectivas quanto a uma participação democrática e cidadã na sociedade brasileira propiciou o surgimento de Grêmios e Associações Recreativas, que objetivavam, sobretudo agregar a população negra, assistindo-a com lazer e cultura. No cerne desses grupos surgiram jornais como *A Pátria* (1899), *O Combate* (1912), *O Menelick* (1912), *O Clarim da Alvorada* (1923) e *A Voz da Raça* (1933), expoentes da chamada imprensa negra, onde

<sup>8</sup> Ibidem, p. 71

<sup>9</sup> CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Bruschini, Cristina & Unbehaum Sandra G. (Orgs.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.



os problemas específicos de negros e negras, como a discriminação racial, educação, trabalho, moradia e saúde eram abordados. De acordo com Fernandes

A “imprensa negra” aparece, assim, vinculada a fins de proselitismo, como uma imprensa engajada na solução de problemas específicos do negro brasileiro. Ela teve, por isso, uma função socializadora e de controle altamente construtiva. Condensou e difundiu avaliações inconformistas sobre a realidade racial brasileira; contribuiu para transpor o consenso mecânico, fundado na identidade das frustrações, numa solidariedade consciente e orgânica; e, por fim, suscitou no seio da “população de cor” disposições assimilacionistas com a situação do negro e do mulato.<sup>11</sup>

Seguindo momentos que alternaram entre momentos de efervescências e outros de apatia total, nomes como o *Quilombo* (1944), veículo de comunicação do Teatro Experimental Negro<sup>12</sup>, fundado por Abdias do Nascimento. *Alvorada* (1945), *O Novo Horizonte* (1946), *Níger* (1950), *Notícias do Ébano* (1957 e a *Voz da Negritude* (1952), marcaram presença na imprensa negra no país. Somente em meados dos anos de 1970, quando eram eminentes os sinais de redemocratização do país e o Movimento Negro conseguiu retomar atividades, a produção de jornais ganhou força depois de alguns anos de silêncio. Foram criadas a revista *Ébano* (1980), *Classe & Raça*” e o *Jornal do MNU*<sup>13</sup>, ambos editados pelo jornalista Edson Cardoso. Além do *Pixaim* (1979), *Nego* (1981) e *Áfricus* em 1982.

Contudo, foi no fim dos anos de 1990, que surge uma das publicações mais comentadas nos últimos tempos - a revista *Raça Brasil*. Com o slogan “A revista do negro brasileiro”, *Raça* mexeu com o mercado editorial ao ser lançada em 1996. A tiragem de 265 mil exemplares esgotou-se rapidamente, número expressivo para uma produção segmentada racialmente.

O breve histórico da imprensa negra no Brasil, faz-se necessário pelo fato de *Eparrei*, nossa focalizada, ao ser publicada pela primeira vez no segundo semestre de 2001, somar-se aos tantos títulos por nós mencionados. Sobre *Eparrei* falaremos mais adiante.

“*Só quem sente, sabe*”

Sou negra ponto final /Devolvo-me a identidade  
Rasgo a minha certidão  
Sou negra sem reticências / Sem vírgulas, sem ausências  
Sou negra balacobaco  
Sou negra  
Noite  
Cansaço  
Sou negra

<sup>11</sup> FERNANDES, Florestan. A Integração do negro na sociedade de classes. 2 v. São Paulo: Dominus: EDUSP, 1965. p. 22.

<sup>12</sup> Sobre o Teatro Experimental Negro ver: MARTINS, Leda Maria. Cena em sombras. São Paulo: Perspectiva, 1995.

<sup>13</sup> Sobre o Jornal do MNU ver: SOUZA, Florentina da Silva. Afro-descendência em Cadernos Negros e *Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.



Ponto final”<sup>14</sup>

Nos capítulos que se seguem falaremos de *Eparrei*, mas não sem antes falarmos da trajetória de Alzira Rufino, editora-chefe da revista e fundadora da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos. Sem dúvida alguma, um dos nomes mais importantes do feminismo negro no Brasil.

Proveniente de família humilde, Alzira Rufino nasceu em Santos/SP no ano de 1949. Enfermeira por formação, ao longo de mais de quatro décadas participa ativamente dos Movimentos Negro e de Mulheres. A atuação destacada na luta contra o racismo no Brasil rendeu-lhe reconhecimento não só em terras brasileiras, mas também no exterior. Em 2005, Alzira foi indicada ao Prêmio “Mil Mulheres para o Nobel da paz”.

A militância de Alzira Rufino não se dá somente na área dos direitos humanos. Alzira é escritora e poeta. Dona de uma intensa produção literária e ensaística, publicou “*Mulher negra tem história*” e “*Mulher negra, uma perspectiva histórica*” em 1987, “*Eu, mulher negra, resisto*” em 1988, “*Muriquinho piquininho*, destinado a crianças em 1989, “*O poder muda de mãos, não de cor*” em 1996, “*Qual o quê*” em 2004 e organizou o livro “*Violência contra mulher, uma questão de saúde pública*” em 1998.

A gestação da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos se deu num momento de efervescência das organizações civis em defesa das minorias na década de 1980. As mulheres negras encontravam-se em uma encruzilhada. Se por um lado as implicações das reminiscências do período escravocrata na vida das mulheres negras ganhavam pouco espaço no movimento feminista, por outro o pensamento machista e patriarcal do Movimento Negro impedia a inclusão do fator gênero no projeto político da organização. A solução encontrada para esse impasse foi o “*enegrecimento do feminismo*”.

Alzira Rufino e suas companheiras fundaram o Coletivo de Mulheres Negras março de 1985. O desafio do grupo era propor alternativas à posição de subalternidade na qual estavam inseridas as mulheres negras. Conforme Vera Soares

É neste contexto de denúncia das desigualdades sociais sob uma perspectiva de raça que as mulheres negras irão se organizar. Isto quer dizer que, a princípio, irão se organizar. Isto quer dizer que irão se organizar não como movimento autônomo de mulheres negras, mas como integrantes do movimento de mulheres e homens negros, constituindo em algumas situações, núcleos de mulheres. Foi necessário algum tempo, o final dos anos 80 para que as mulheres negras viessem a construir nacionalmente o seu movimento autônomo. É certo que enfrentaram também a acusação de estarem rompendo com o movimento negro (...). Os movimentos de mulheres negras vão mostrar a inserção específica das negras no mercado de trabalho, em geral, no setor de serviços, vão denunciar que as mulheres negras formam a maior parte da população analfabeta do país, que a

---

<sup>14</sup> “*Resgate*”, in: *Eu, mulher negra, resisto*. Edições da autora, 1988.



educação formal apresenta imagens estereotipadas e parciais do período da escravidão e que as mulheres negras são excluídas das formas de organização política.<sup>15</sup>

Cinco anos depois da fundação do Coletivo, em 2 de janeiro de 1990<sup>16</sup>, é inaugurada a Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos. A Casa, mantida com recursos próprios e apoio de instituições estrangeiras, oferece desde a sua criação cursos de capacitação de professores para a educação anti-racista e de capacitação profissional. A Casa oferece também atendimento psicológico e jurídico a mulheres vítimas da violência doméstica. Por ano são atendidas cerca de 400 mulheres.<sup>17</sup>

*“Comunicar e politizar”*

*“Senhora, tenha misericórdia de nós!”* Esse é o significado da palavra Eparrei, saudação ao orixá africano Iansã. Após uma experiência bem sucedida do *Jornal Eparrei*, o Núcleo de Educação e Comunicação da Casa de Cultura da Mulher Negra, cria no segundo semestre de 2001 a revista *Eparrei*. Neste trabalho analisamos as edições números dois a seis de 2002 a 2005.

Com uma tiragem de 2.500 exemplares, a publicação impressiona pela qualidade dos textos, diagramação e projeto gráfico. Em média, as edições trazem cerca de 60 páginas, com assuntos recorrentes a população negra como ações afirmativas, religiões de matriz africana, culinária, cursos, eventos, seminários, poesia, história, arte e cultura. Para Alzira Rufino *“Comunicar é politizar”*, sendo assim espera-se que através do conteúdo veiculado pela revista a população negra tome consciência dos seus direitos e se mobilize em busca de uma participação digna e cidadã na sociedade.

Se identidade “é sempre um processo e nunca um produto acabado”, há uma busca pela construção de identidades raciais positivas, onde o sentimento de negritude negados e ofuscados pelas imposições das classes dominantes de origem branco-européia, sejam recuperados. Esse objetivo é empreendido através do resgate do passado histórico da população negra, colocando em primeiro plano heróis e heroínas negros que na maioria das vezes não são mencionados pela historiografia. Denúncias de racismo e discriminação revelam os resquícios do passado escravocrata, e que as lutas empreendidas pela população negra culminaram entre outras conquistas, dentre elas as políticas de ações afirmativas.

<sup>15</sup> SOARES, Vera. O verso e o reverso da construção da cidadania feminina branca e negra no Brasil. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio & Huntley, Lynn (orgs.). Tirando a máscara: Ensaio sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 270.

<sup>16</sup> A data 30/06/1990 refere-se ao registro da Casa de Cultura da Mulher Negra enquanto pessoa jurídica.

<sup>17</sup> Os Departamentos Jurídico e Psicológico não fazem distinção de cor no atendimento à vítimas de violência doméstica, racial e sexual.



O editorial da edição número 2, do ano de 2002 exemplifica os objetivos da revista:

O povo negro precisa estar no mesmo trem. Ser informado e convidado a participar. E mais uma vez falamos de comunicação e informação.

Ouvimos as lendas de nossos antepassados/as de espalhar as folhas, compartilhar informação. Aprendendo e fazendo. Não estamos no caminho do coelho, nem da tartaruga, mas chegaremos, certo?!<sup>18</sup>

Ao longo das edições, reportagens e entrevistas com personagens do mundo negro bem sucedidas, buscam a valoração de negros e negras, numa tentativa de construir um espelho onde seus leitores possam se verem refletidos. Valores como educação e persistência são sempre enfatizados:

Minha trajetória é semelhante a da maioria das mulheres negras. Eu sou filha de empregada doméstica e pai marceneiro. Fui criada pela minha mãe, que teve oito filhos. Vivemos em favela durante muito tempo, portanto, toda a nossa vida foi de dificuldade, mas eu sempre fui muito determinada.” Sua mãe, mulher de fibra, sempre lhe dizia que **o único caminho para os negros era o estudo**. Na medida do possível, colaborava para que ela e seus irmãos estudassem. Com 14 anos, fui trabalhar como servente de uma escola particular. Enquanto seu corpo crescia, sua mente sonhava. **Queria ser alguém. Cursar a Universidade era o caminho**. Depois do segundo grau, prestei vestibular sem ter feito cursinho. Estudava nos módulos que restavam da filha da dona da escola. Passei no vestibular para Pedagogia, da Universidade Federal da Bahia. Foi a maior alegria da minha vida.<sup>19</sup>

As crianças também são contempladas nas edições de *Eparrei*. A cada edição um encarte com histórias em quadrinhos sobre lendas orixás africanos é publicado na revista. As ilustrações ficam a cargo do cartunista Pestana.

Nesses nove anos as edições de *Eparrei* são mantidas com os recursos da Casa de Cultura da Mulher Negra, pelos órgãos que apóiam a instituição e através de vendas avulsas e assinaturas. As edições são comercializadas ao preço de R\$ 11,00, acrescidos o preço de postagem. Segundo Alzira Rufino, preocupa o baixo número de assinantes da Revista. “Entristece-me ter que parar a publicação impressa (...). Pena que o movimento negro não fortalece, não entende a proposta de uma Revista produzida com esmero, carinho e responsabilidade. Somos guardiães de recontar nossa história”.

*“Eu tenho orgulho de ser mulher negra”*

A inserção das mulheres negras nas páginas de *Eparrei* é um capítulo à parte. O trabalho de Alzira Rufino é pioneiro ao escrever para a imprensa com recorte de gênero e raça. Chama-nos a atenção o fato da revista não se dedicar apenas às mulheres que tenham seu nome escrito na história, ou que tenham evidência no espaço midiático: “*Eparrei* abre suas páginas também para as mulheres negras anônimas que fazem uma história sem recibo, sem carimbo, sem memória.”

<sup>18</sup> RUFINO, Alzira. *Eparrei*.

<sup>19</sup> SANTANA, Olívia. *Eparrei*, n. 7, p. 18, Ano III. Grifo nosso).



De acordo com Larkim, 2003, “a situação da mulher afro-brasileira é o próprio retrato da feminização da pobreza, observada em todo mundo nas últimas décadas”. Ao longo da história a mulher negra teve sua imagem sempre ligada a sexualização e ao exotismo, ou comercializada como produto de exportação de baixo custo. Ao encontramos nas páginas de *Eparrei* entrevistas e reportagens com Ruth de Souza, Margareth Menezes, Alcione, Zezé Motta, Leci Brandão ou Elza Soares, e num mesmo patamar nomes desconhecidos como Maria Nilza, Abiaíl Ferreira, Andréa Ramos, Mãe Deni, Alaíde do Feijão e as mulheres da Irmandade da Boa Morte, percebemos o trabalho desenvolvido pela revista em prol de uma imagem positiva da mulher negra. A intenção de dar novo sentido a identidade feminina negra foi apontada por Sebastião

A resignificação nos parece ser o fio condutor que nos permite compreender os processos contemporâneos que criam táticas para interferir nesta representação constituída por estereótipos e estigmas. Neste sentido, nossa hipótese é a que de que as organizações de mulheres negras estão ocupando uma nova função: a de novas guardiãs da produção discursiva da memória sobre o grupo na medida em que produzem, registram, difundem, arquivam e lutam pela resignificação da história da mulher negra e da sua respectiva representação. Falamos de uma resignificação que também está sendo construída para superar os traumas sofridos no passado. Imediatamente após o trauma da escravidão, entendemos que as populações negras passaram por novos processos traumáticos, sobretudo do ponto de vista das relações sociais, uma vez que estavam inseridas num contexto onde prevaleciam os ditames biológicos de inferiorização da raça negra.<sup>20</sup>

O depoimento da atriz Léa Garcia ilustra esse comprometimento de *Eparrei*

“Se eu morresse e tivesse que nascer novamente, queria ser negra de novo. Eu acho que a mulher negra tem uma força muito grande dentro de si. Convivemos com as dificuldades, enfrentando barreiras para cuidar da família, com uma fibra que geralmente poucas mulheres de outras raças possuem.”<sup>21</sup>

A entrevista concedida pela sambista Leci Brandão, evoca o reconhecimento e a exaltação da beleza da mulher negra

“Sou baixinha, estou um tanto quanto gordinha, mas me acho maravilhosa. Sabe porque? Porque tenho sentimentos e emoção. Sei amar e dar amor, sou sensível, sei dar carinho.”<sup>22</sup>

*“O possível estamos fazendo, o impossível demora um pouco mais”*

Acreditamos que a promoção da equidade de gêneros e raças desponta como um dos maiores desafios a serem enfrentados no mundo atual, e que um dos pressupostos para a superação deste desafio se dá através da educação de qualidade e do comprometimento de toda sociedade na formação de uma sociedade que contemple sem discriminação a variedade étnico-racial existente em nosso país.

<sup>20</sup> SEBASTIÃO, Ana Angélica. Memória, Imaginário e Poder: Práticas Comunicativas e de Resignificação das Organizações de Mulheres Negras. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. p. 22-23

<sup>21</sup> *Eparrei*, ano III, n. 7, p. 7, ano III

<sup>22</sup> *Eparrei*, n. 4, p. 45, ano II.



Fruto das lutas iniciadas pelas mulheres negras ainda no período colonial quando resistiram à tentativa de terem seus corpos e sua dignidade violada, ou lutaram pelo direito a família e pela independência financeira e também da imprensa negra que nas primeiras décadas do século passado tiveram papel preponderante na conscientização do negro quanto a sua realidade, *Eparrei* é parte desse processo de busca por uma sociedade em que a pluralidade e a diversidade sejam respeitadas por todos. Apesar de o possível estar sendo feito, Alzira Rufino nos lembra que esta luta não pode cessar

No tempo do Brasil Palmares fugir era voltar à liberdade. Hoje não. O Quilombo hoje é ficar exatamente onde você está: Resistindo, organizando, exigindo. O Quilombo hoje é saber que é chegado o momento de virar a mesa, onde sempre apanha migalhas (...). Negro/a além de lindo é capaz, é competente. Sabemos fazer políticas. Experiência de quilombo, escola de Palmares. (...) Apesar dos ventos e chuvas fortes da discriminação, apesar da fria desigualdade de oportunidades vividas nesses anos, nossa força não pode ser apenas um discurso, temos pouco a comemorar e muito que fazer. Hoje, temos mais necessidade de denunciar essa discriminação velada, essa agressão psicológica do que respirar.<sup>23</sup>

A nosso ver, a desconstrução de ideologias e mitos que imputaram aos descendentes de escravos a condição de seres inferiores sejam um das maiores dificuldades encontradas nesse percurso. Precisaremos ainda pensar e repensar maneiras para fazer com que iniciativas como a revista *Eparrei* tornem-se mais acessíveis às camadas populares. E por fim, necessitaremos encontrar formas para que as questões aqui apresentadas rompam o espaço acadêmico e se juntem a outros instrumentos que possibilitem a educação, a politização e mobilização da população negra. O desafio está lançado.

#### *Referências:*

- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Bruschini, Cristina & Unbehaum Sandra G. (Orgs.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.
- CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. Mulher negra. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). São Paulo, FFLCH, USP, 1986.
- GIACOMINI, Sonia Maria. Mulher e Escrava. Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto: O processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições. 1995.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RUFINO, Alzira. Eu, mulher negra, resisto. Santos, 1988.
- RUFINO, Alzira. Muriquinho, piquinho. Santos, 1989.

---

<sup>23</sup> *Eparrei*, n. 7, p. 43, ano II.



SANTOS, Gislene Aparecida. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.  
SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.